

MACHISMO E VIOLÊNCIA EM CONTOS DE RUTH DUCASO: UMA DENÚNCIA POÉTICA

MACHISMO AND VIOLENCE IN THE STORIES OF RUTH DUCASO: A POETIC DENUNCIATION

Laila Mikaelly Ferreira Melo Brandão

<http://orcid.org/0009-0001-28303762>

Universidade Federal do Agreste de Pernambuco

lailaferreiramelo@gmail.com

Carlos Albuquerque Fernandes

<http://orcid.org/0000-0001-9460-4291>

Universidade Federal do Agreste de Pernambuco

eduardo.fernandes@ufape.edu.br

Resumo: Este artigo consiste em um estudo das personagens e vozes narrativas dos contos Para Antônio e O que os machos querem, presentes na obra *Contos Ordinários de Melancolia* (Ducaso/Aparecida, 2019), e tem como intuito comprovar a tese de que ambas realizam uma denúncia poética das práticas de violência vinculadas ao machismo, através da transgressão dos papéis de gênero. Nesse sentido, as noções de Engels (2019) e Beauvoir (1980) sobre o lugar da mulher na sociedade, assim como o conceito de violência simbólica de Bourdieu (2002), e as análises do corpo, de Foucault (1999), conduzem contextualizações sobre o tema e dialogam com a comprovação da tese, conduzida pelas concepções de retomada do poder, de Louro (2014), e de poética da agressão, de Silva (2010).

Palavras-chave: Contos Ordinários de Melancolia. Personagem. Machismo. Subversão.

Abstract: This article consists of a study of the characters and narrative voices of the short stories, present in the work *Contos Ordinários de Melancolia* (DUCASO/APARECIDA, 2019), and aims to prove the thesis that both carry out a poetic denunciation of violent practices linked to machism, through the transgression of gender roles. In that regard, the notions of Engels (2019), and Beauvoir (1980) about the women position in society, as well as the concept of symbolic violence proposed by Bourdieu (2002), and the studies in account of the body, presented in Foucault (1999), conduct contextualization on the topic and dialogue with the thesis that will be driven by the concepts of regaining power, by Louro (2014), and poetics of aggression, by Silva (2010).

Keywords: Contos Ordinários de Melancolia. Character. Subversion. Sexism.

Introdução

Uma reportagem recente do G1¹ demonstrou que, em 2023, o Brasil teve alta nos índices de feminicídio, em relação a 2022, com um assassinato a cada 6 horas. São dados que revelam o perigo que é ser mulher em um país que mata mais dentro do recorte de gênero, do

¹ Reportagem “Brasil registra 1.463 feminicídios em 2023, alta de 1,6% em relação a 2022”, publicada em 7 de março de 2024 por Artur Nicoceli, autor do G1.

que fora dele. Tendo entrado em vigor em 2015, o termo feminicídio representa uma situação mais antiga do que se possa pensar. Ainda que, diferentemente de determinados grupos minoritários, não tenha sido atribuído à mulher um fato histórico que a coloque em situação de subordinação, em relação ao homem, por mais distante que se vá à origem dessa situação, nota-se que, num contexto geral, a sociedade patriarcalista sempre atribuiu certo grau de inferioridade à mulher, quando relacionada à figura masculina. Nesse sentido, será inicialmente discutido alguns processos introdutórios à situação de subordinação feminina, como a criação do Estado e da propriedade privada, a narrativa cristã sobre a criação do homem, e uma visão essencialmente biológica, que dizem muito a respeito da posição da mulher nessa construção social.

Felizmente, apesar dessa cosmovisão ter cristalizado o imaginário social, através do tempo, e motivado, ainda hoje, práticas violentas de dominação que marcam o cotidiano das mulheres, ela tem sido também submetida à desconstruções, que se materializam em muitas formas. Uma delas é a da escritora baiana contemporânea Luciany Aparecida, que, através de assinaturas estéticas, denuncia e desconstrói muitos tipos de violência, sendo uma delas a violência de gênero. Vinda da Bahia, Aparecida escreve sob a voz de personalidades próprias, construídas a partir de conceitos únicos e inspiradores, para delinear sua literatura, que fala, entre outros contextos, sobre história, memória e identidades. Das narrativas de Luciany Aparecida, duas compõem o corpus dessa pesquisa: “Para Antônio” e “O que os machos querem” são dois contos do livro *Contos Ordinários de Melancolia* (2019), assinado por Ruth Ducaso, uma das assinaturas estéticas da autora, e exemplificam, aqui, uma desconstrução das práticas de violência de gênero, uma vez que realizam a inversão dos papéis de gênero sob os olhos da sociedade, subvertendo essa realidade.

Tal literatura exemplifica, assim, o fato de que, estando presente desde muito cedo na sociedade e tendo em vista que o texto literário é influenciado diretamente pelo contexto, as práticas sociais atuam como marcas evidentes sobre as narrativas literárias e suas potencialidades interpretativas, o que torna as narrativas das personagens analisadas, como foco de análise, uma escolha válida aos estudos acadêmicos literários, uma vez que, possuindo as marcas do contexto atual, ainda que desempenhem papéis de subversão, representam as personagens uma realidade vigente. Contribuem, assim, para os estudos literários atuais que focalizam a relação ficção-realidade. Além disso, uma vez que a literatura assume função importante no que diz respeito à interpretação/apresentação/representação dessas realidades, a análise dessas personagens contribui ainda para as teorias e estudos literários que trabalham também sob essa óptica.

Nesse recorte, muitas áreas de estudos literários são responsáveis pela articulação da literatura às práticas humanas: uma delas é a área dos estudos literários feministas, lugar onde tem-se buscado teorizar e problematizar as desigualdades de gênero. Nessa linha, muito se analisa também as representações que personagens femininas têm validado pelo mundo literário. Tais estudos apontam, por exemplo, à importância que o corpo tem para a teoria feminista e à forma como a construção dele, por meio de uma personagem, pode demonstrar como ocorre a realidade social. Olhar e analisar, portanto, uma personagem feminina como forma de representação de um contexto, ainda que a mesma transgrida os padrões que a sociedade idealiza, aponta para um dos resultados do trabalho realizado pela crítica literária feminista e, conseqüentemente, por essa pesquisa.

Nesse contexto, uma vez que as personagens analisadas aqui desempenham ações de sujeitos ativos, na narrativa, a forma com que foram pensadas provocam reflexões sobre a

configuração da sociedade e seus efeitos. Ambas são exemplos, portanto, da inversão dos papéis de gênero na literatura, que consiste na prática de causar, através do inusitado, reflexões sobre a forma pela qual se configura o mundo. Nesse sentido, por meio dessa representação subversiva, é que essa pesquisa se desenvolverá para responder à questão: como a subversão dos papéis de gênero, nas personagens analisadas, denunciam a violência do machismo presente na sociedade patriarcalista?

Para tanto, através dos conceitos e reflexões de Araújo (2020), Bachofen (apud MARTINS, 2023), Beauvoir (1980), Bourdieu (2002), Butler (2003), Cevasco (2009), Damasceno (2020), Engels (2019), Foucault (1999), Lerner (2019), Louro (2014), Saffioti (2015), Silva (2010), e de Zolin (2009), esse estudo trata-se de uma discussão sobre machismo e violência através das personagens literárias estudadas, as quais subvertem os papéis de gêneros, na sociedade, com a finalidade de criticar e denunciar esse sistema e a forma violenta pela qual ele se constrói, através do machismo. O objetivo principal, então, é demonstrar que as personagens realizam uma denúncia poética-agressiva, e que ela é feita através do estranhamento causado pela inversão dos papéis de gênero que realizam essas personagens protagonistas dos contos: “Para Antônio” e “O que os machos querem”, do livro *Contos Ordinários de Melancolia* (DUCASO/APARECIDA, 2019).

No que tange, à vista disso, os objetivos específicos, essa pesquisa se desenvolverá para contextualizar o tema, sob perspectivas do papel da mulher após a criação da propriedade privada e sob a limitação que o olhar essencialmente biológico e religioso confere a esse sujeito; relacionar as personagens estudadas com literatura e feminismo crítico, numa tentativa de possibilitar avanços ao campo da crítica feminista e diálogos entre literatura e contexto social; analisar as personagens que protagonizam os contos; e evidenciar, junto à análise, a forma como é feita a denúncia poética das práticas de violência do machismo.

Enfim, esse estudo mostra-se relevante ao âmbito acadêmico, visto que usa da ficção para expor uma realidade atual. Construir diálogos entre ficção e realidade, usando a primeira para refletir sobre, criticar e denunciar a segunda é um dos papéis da literatura e é o que tem buscado a academia. Além disso, este estudo possibilita contribuições às áreas da literatura e da teoria feminista, que se empenha em desconstruir as desigualdades de gênero, e demonstra-se, ainda, igualmente necessário esse estudo às lutas sociais que atuam contra o machismo e o patriarcalismo, delimitando os pressupostos teóricos que auxiliarão no processo de reflexão e de denúncia dos danos causados por esse sistema à sociedade.

É, portanto, para refletir, através das personagens analisadas, sobre os efeitos violentos, validados pelo machismo, a mais importante fundamentação desse estudo, que evidencia a justificativa de que pensar sobre a forma como essa cultura constrói um cotidiano feminino em que a mulher é violada constantemente desde sua infância, deve ser o primeiro passo para enxergar a influência perigosa que essa cultura exerce sobre esses corpos, contribuindo não só para a influência do machismo cristalizado sobre eles, mas também para crimes como abuso sexual e feminicídio, por exemplo.

Nesse sentido, e sob uma abordagem qualitativa, a pesquisa se desenvolveu através de estudos e construção de diálogos entre as teorias sobre gênero, os dados atuais que demonstram o panorama social vigente e a literatura de ficção recortada para essa discussão. Aqui, destaca-se as barreiras para o encontro de teorias sobre transgressão dos papéis de gênero na sociedade. Alguns autores e autoras, como Judith Butler e Guacira Lopes Louro, que compõem também suporte teórico para este estudo, conceituam esses papéis, mas não sob

uma possível manifestação de transgressão de seus lugares no mundo. Ainda assim, a pesquisa se ampara nesses pressupostos já pré-estabelecidos e, assim, desenvolve a tese.

Por fim, com suporte na literatura dos autores já mencionados, assim como através de seus conceitos e reflexões alicerces da comprovação da tese defendida, será evidenciado por essa pesquisa que as personagens analisadas realizam uma denúncia poética, através da transgressão dos papéis de gênero, uma vez que invertem a ordem da violência que o machismo propaga, resultando, então, na discutida poética da agressão. Evidenciar que as construções de ambas as personagens são pautadas nessa inversão para adquirir, através do inusitado, o objetivo de causar reflexões sobre a violência do machismo, portanto, é também quesito indispensável para este estudo, que trabalhará para contribuir à possibilidade de uma reflexão necessária ao espaço e à vida feminina dentro da sociedade.

1. Opondo-se para se pôr

Quando se trata do lugar que a mulher ocupa no mundo, o primeiro questionamento que surge é sobre a origem de sua subordinação. Gerda Lerner (2019) defende que uma possível forma de destruição do patriarcado se faz com a reivindicação daquilo que foi negado à mulher pela sociedade, estratégia possível de sucesso somente se feita a retomada da história desse sujeito.

Se, com a divisão do trabalho, as mulheres desempenhavam funções tão importantes quanto as dos homens: plantar e colher alimentos, enquanto eles caçavam e pescavam, configuração típica das populações originárias, foi, segundo Engels (2019), com o desenvolvimento da propriedade privada que o sujeito mulher deixou de ocupar seu lugar igualitário, na sociedade, e passou a ser encarada como propriedade do homem. Engels (2019) observa que, uma vez que se fez necessário o empenho na acumulação e garantia dos bens materiais, a paternidade também assumiu uma nova forma, sendo vista, nesse novo contexto, como uma validação de que as propriedades acumuladas continuariam pertencendo à mesma linhagem, sendo passadas de geração a geração. Dessa forma, o modelo monogâmico de se relacionar passa a vigorar, mas como forma de evitar que as mulheres gerassem filhos com outros homens.

Assim a sociedade foi reconfigurada, e o lugar da mulher, tal qual seu modo de vida pessoal, foi transformado em função de benefício exclusivo do sujeito homem, uma vez que somente a ele pertenciam tais bens, inclusive ela. Dentro dessa lógica, então, não se fez necessário ao homem respeitar os preceitos monogâmicos vigentes, uma vez que a paternidade se assegura independentemente da mulher a qual gesta seu filho.

À medida que as condições econômicas de vida se desenvolviam e, portanto, minavam o antigo comunismo e à medida que aumentava a densidade populacional, as relações sexuais tradicionais iam perdendo seu caráter inocente de primitividade selvagem e, na mesma proporção, iam-se tornando mais humilhantes e opressivas para as mulheres [...]. [...] Somente depois que as mulheres tinham feito a transição para o casamento do par os homens puderam introduzir a monogamia estrita – todavia, só para as mulheres. (ENGELS, 2019, p. 70-71).

Descrevendo a história da formação da família e do patriarcado como consequência dela, Engels (2019) aponta para a transição das formas grupais de relação para o formato monogâmico, e revela que jamais foi intenção masculina seguir os moldes da monogamia, mas apenas impor tais padrões às mulheres. No contexto de origem dessa transformação cultural, como se percebe, a primeira forma de propriedade privada é a da mulher sobre o domínio do homem (cf. ENGELS, 2019). Então, ainda que Saffioti (2015) observe que não ocorreu um fato histórico que designou à mulher esse papel de subordinação, na sociedade, é possível notar que, em sua construção, e de seus moldes organizacionais, o grupo social masculino foi impondo ao feminino esse lugar, ou, como observa Lerner (2019), foi impedido à mulher o fazer história. Quanto àquelas que “fugiam” e, ainda na atualidade, “fogem” desses moldes, foram e são divulgadas como imorais, uma vez que seus corpos devem estar em estado de disciplina constante. Só existem, portanto, duas realidades possíveis às mulheres: dóceis e domesticadas, fiéis aos seus maridos e aos padrões sociais, honradas, respeitadas, e em outras palavras ainda: subordinadas; ou rebeldes, perigosas, instáveis, loucas, vulgares e, como dito, imorais.

Ainda que a forma de propriedade privada seja vigente nas sociedades modernas, grande parte das justificativas para a subordinação da mulher pautam-se também na perspectiva biológica, quando não se materializa também pelo viés religioso. Ambos os discursos são poderosos e influentes, principalmente quando se trata da grande massa. Pensar que a mulher deve ser subordinada, pois teve sua origem a partir da costela do primeiro homem, Adão, conforme Aristóteles, Tomás de Aquino e a história do Gênese difundem, ou ainda por não possuir um órgão genital em evidência, são formas ainda muito presentes de olhar a mulher na sociedade.

E Sto. Tomás [...] decreta que a mulher é um homem incompleto, um ser "ocasional". É o que simboliza a história do Gênese em que Eva aparece como extraída, segundo Bossuet, de um "osso supranumerário" de Adão. A humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo. [...]. E é por isso que Benda afirma em Rapport d'Uriel: "O corpo do homem tem um sentido em si, abstração feita do da mulher, ao passo que este parece destituído de significação se não se evoca o macho... O homem é pensável sem a mulher. Ela não, sem o homem". [...]. [sic] (BEAUVOIR, 1980. p. 11-12).

Dialogando com esse pensamento, uma possível justificativa para tanto é que “o sujeito só se põe em se opondo” (BEAUVOIR, 1980, p. 12), isto é, somente propagando o discurso de que o outro é insuficiente é que ele se coloca como essencial. Assim, teorias como a de Tomás de Aquino, trazida por Beauvoir, condizem mais com uma possível inveja masculina do “arsenal de potencialidades” que tem a mulher (BACHOFEN *apud* ONDE ESTÁ A VULVA?, 2023)², uma vez que essa é quem passa por transformações que a biologia dele não desenvolve, como a renovação cíclica, por exemplo, que dá a mulher a capacidade de reiniciar não somente seu processo hormonal, mas também emocional; e a própria gestação, uma ação natural de nutrir outra vida a partir da sua mesma. Não compreendendo, portanto, a

² Essa citação refere-se à fala da psicanalista Alessandra Affortunati Martins, em entrevista ao episódio “Onde está a vulva”, do Podcast *Meu Inconsciente Coletivo*.

beleza de tudo isso, embora reconhecendo que não possui tais capacidades o homem divulga, ao longo da história, o discurso de que quem está em débito biológico é a mulher. Em suas contribuições aos estudos da mulher na sociedade, Beauvoir (1980) aponta para o poder do discurso masculino à designação da mulher, no mundo:

A sujeição da mulher à espécie, os limites de suas capacidades individuais são fatos de extrema importância; o corpo da mulher é um dos elementos essenciais da situação que ela ocupa neste mundo. Mas não é ele tampouco que basta para a definir. Ele só tem realidade vivida enquanto assumido pela consciência através das ações e no seio de uma sociedade; a biologia não basta para fornecer uma resposta à pergunta que nos preocupa: por que a mulher é o Outro? Trata-se de saber como a natureza foi nela revista através da história; trata-se de saber o que a humanidade fez da fêmea humana. [sic] (BEAUVOIR, 1980, p. 57).

Evidencia-se, portanto, mais uma perspectiva de que coube à sociedade a construção da situação de subordinação da mulher, nesse caso, através de noções biológicas, que dialogam e contribuem à efetivação de uma violência simbólica (cf. Bourdieu, 2002), visto que ao se utilizar da ciência para explicar ou disseminar determinadas ideias, constrói-se uma linha de raciocínio mais segura, apesar de incompleta e incoerente, pois, assim como a anatomia feminina, a masculina também comporta hormônios que o subjetiva. Acreditar que o corpo feminino aprisiona a mulher por causa de seus hormônios é, portanto, dar ao feminino caráter negativo, como forma de positivar o masculino. Essa visão essencialista é perigosa, pois, ao passo que aprisiona a mulher aos seus hormônios, ou a falta de um membro fático mais exposto, limitando suas outras potencialidades, coloca o racional masculino como submisso aos impulsos sexuais somente quando é conveniente, como ocorre nos casos em que os abusos e traições são justificados pelos hormônios masculinos.

Infelizmente, as reflexões de Beauvoir não ocupam o merecido espaço no intelecto social. Ao contrário, a história optou, convenientemente, por viabilizar as crenças contribuintes à inferiorização feminina; e isso tem resultados destruidores até os dias de hoje. Juntamente à forma de configuração social pós criação da propriedade privada que, como dito, foi o que impulsionou o processo de subordinação da mulher, na sociedade, essas crenças corroboram para os efeitos e crescimento do machismo, corrente de pensamento (e ação) que enxerga a mulher como inferior e atua para a destruição, ou retardamento, da igualdade de gêneros³. Nesse contexto, o machismo também torna possível as diversas formas de abuso e de violência contra a mulher, uma vez que a enxerga nesse lugar de inferioridade e posse.

Prova disso é a já mencionada reportagem do G1, que revelou que o número de assassinatos de mulheres aumentou 5%, de 2022 para 2023, ao passo que a taxa de homicídios dolosos, sem o recorte de gênero, caiu 1%, dentro do mesmo período, no país. Outro dado igualmente surpreendente é o de que, em pleno ano de 2021, foi discutido e, felizmente, derrubada pelo Supremo Tribunal Federal a legislação que justificava o assassinato ou agressão contra uma mulher como um caso simples de “defesa da honra”, em caso de

³ Definição embasada no sistema de tecnologia educacional E-Disciplinas Plataformas e Recursos Digitais da Universidade de São Paulo (USP).

adultério⁴. Como se vê, a mulher que se distancia dos padrões monogâmicos e pratica o adultério, até três anos atrás, tinha negado um dos direitos constitucionais: o direito à vida. Cabe, ainda, a observação de que jamais existiu legislação parecida que sentenciava um homem à morte, se ele traísse sexualmente sua esposa, fato que comprova e demonstra a atualidade da tese de Engels (2019), já mencionada.

Apesar da “quedada” dessa tese, a criminalidade simbólica do adultério feminino ainda é algo presente nas sociedades monogâmicas, ao passo que, para o homem, esse é um ato comum, encarado até como comportamento biológico do sexo masculino. Nesse contexto, pode-se inferir que o que define, perante a sociedade, o nível de crueldade de determinadas ações depende do gênero o qual as pratica. No caso do adultério, quando a mulher o faz, essa é uma ação imperdoável e “suja”, mas se a traição partir do masculino são, imediatamente, buscadas justificativas que isentam o homem de uma visão negativa, frente ao social, alegando que o impulso sexual é algo próprio de sua natureza; que os hormônios masculinos são menos controláveis do que os hormônios femininos; que a mulher tem mais racionalidade frente ao controle hormonal etc.

Discursos como esses moldam o imaginário coletivo, construindo nele uma forma feminina que deve ser impecável. Ou seja, a mulher deve empenhar-se em desempenhar seu papel designado pela sociedade, sem o rejeitar ou se distanciar dele. Tal papel, por sua vez, não dialoga com adultério, ou qualquer outro ato que a disperse de seu dever com a família, maternidade, vida doméstica etc. Logo, evidencia-se que o olhar social à mulher assume a função de degradá-la e construir nesse sujeito a perspectiva de que tudo o que por ele é feito implica muito mais responsabilidades e consequências do que quando feito por um homem. Esse pensamento permeia a sociedade como um todo, evidenciando o que Bourdieu (2002) aponta como violência simbólica, uma vez que se faz presente em cada camada e instituição social. O autor demonstra que quando a cultura é construída, desde sua era primitiva, a partir de determinados ideais, a desconstrução desses princípios, mesmo com o passar de muitos séculos, é intimamente complexa e de difícil conquista. Por se tratar, como o autor descreve, de uma forma “natural” e “simbólica” de organização da sociedade, todos os sujeitos pertencentes a ela não questionam esse sistema, nem mesmo aqueles que por ele são oprimidos, isso porque essa forma de violência se executa sob a convivência subentendida daqueles que são vítimas dela mesma, assim como daqueles que a praticam, pois todo o processo ocorre de forma inconsciente (cf. Bourdieu, 2002, p. 16).

A violência simbólica é elemento fundamental para manutenção da dominação masculina (cf. Bourdieu, 2002), do machismo, do patriarcado e do aumento do número de feminicídios, como foi visto. O assassinato de mulheres, por sua vez, é somente a ponta do *iceberg*. Evidentemente, essa afirmação não diz respeito a uma negligência do problema, mas a uma provocação: por trás de um crime de feminicídio, há uma sociedade que manipula mulheres, fazendo-as acreditar que precisam permanecer em relações abusivas e violentas, pois não são capazes de viver sozinhas; que devem seguir os padrões impostos pela sociedade, como se a vida fosse uma receita de bolo a qual os ingredientes principais resumem-se à vida materna e conjugal; e que pensar diferente implica dizer-se radical.

Essa sociedade também constrói na mentalidade masculina a ideia de um instinto viril, macho e violento que, mais cedo ou mais tarde, é manifestado. Nesse sentido, a construção da

⁴ Notícia “Mês da Mulher: STF derruba uso de tese de legítima defesa da honra para crimes de feminicídio”, publicada em 8 de março de 2023 pelo *site* do Supremo Tribunal Federal.

realidade patriarcalista é para que o homem seja e permaneça sendo o Sujeito; e a mulher, o Outro, ou o não-sujeito (cf. Beauvoir, 1980), existindo apenas em função dele. Ao conceituar essa configuração como violência simbólica, Bourdieu (2002) revela o quanto esse social está imerso numa cultura de dominação tão potente que até mesmo os sujeitos dominados, nesse caso, as mulheres, contribuem à permanência desse sistema. Beauvoir (1980) aponta para o fato de que a mulher é escrava de sua própria situação, estando unida ao seu opressor por um laço que não é comparável a nenhum outro: o biológico, pois não há humanidade sem ambos os sexos.

Outro pensador que também discorre sobre esse tema de dominação é Michael Foucault (1999). Em uma análise de como o corpo tem sido tratado ao longo da história, ele demonstra que se antes as formas de punição de um corpo indisciplinado eram por desmembramentos em praça pública, hoje essas formas são muito mais sutis, mas ainda presentes na construção social, e ainda latentes. Hoje, quem desempenha o papel de “desmembrar” simbolicamente esses corpos são as instituições, a Mídia, e o próprio coletivo social. Ainda na infância, uma criança é ensinada sobre o que pode e não pode fazer, como deve e não deve se comportar; à medida que vai crescendo, a família também vai assumindo esse papel, muitas vezes associada à Igreja e, sempre, à Escola. A Mídia, por sua vez, pode estar presente em todas as fases do desenvolvimento do dominado, atualizando as formas de dominação e punição dos corpos à medida que surgem novas necessidades. E, não diferentemente, cada sujeito social, ainda que conheça a violência dessa forma de construção social, viabiliza inconscientemente esses padrões. E isso é exatamente o que caracteriza e alimenta a violência simbólica.

Agastou-me, por vezes, no curso de conversações abstratas, ouvir os homens dizerem-se: "Você pensa assim porque é uma mulher". Mas eu sabia que minha única defesa era responder: "penso-o porque é verdadeiro", eliminando assim minha subjetividade. Não se tratava, em hipótese alguma, de replicar: "E você pensa o contrário porque é um homem", pois está subentendido que o fato de ser um homem não é uma singularidade; um homem está em seu direito sendo homem, é a mulher que está errada." (BEAUVOIR, 1980. p. 10).

Nota-se, a partir disso, o quanto as formas de punição, e até autopunição, do corpo feminino estão cristalizadas na sociedade e agindo sobre eles simplesmente pelo fato de o serem. Nesse contexto, uma mulher que tange às formas de dominação, como casar; sonhar com a maternidade; ser uma pessoa gentil e amorosa e, principalmente, não ser ambiciosa, estará ainda mais sujeita ao “desmembramento” simbólico, isto é, às novas formas de punição, que geralmente se configuram em discursos familiares, religiosos e até midiáticos. Se, ainda sendo mais “radical”, uma mulher não simplesmente nega essa dominação, mas a subverte, não haverá para ela lugar na sociedade (e, às vezes, nem na literatura).

2. Denúncias poéticas

Uma vez que a literatura, em seu sentido restrito e de interpelar-se à sociedade, pode ser vista como interpretação das manifestações culturais (cf. CEVASCO, 2009), o contexto o qual a engloba exerce considerável influência sobre a mesma. De forma igual, os textos

teóricos e os estudos dos fenômenos e movimentos sociais sofrem, evidentemente, também essa influência. No campo das teorias literárias, um dos estudos que cabe no contexto aqui analisado é o campo responsável pelos estudos que analisam as categorias de gênero na sociedade. Essa linha de pesquisa, denominada teoria feminista, tem papel importante nas análises do que tem se desenvolvido como literatura feminista e do cada vez mais crescente papel que a mulher vem desempenhando nessa área (cf. ZOLIN, 2009). Além disso, o campo da teoria e da crítica literária feminista tem buscado também analisar a forma como esse sujeito, a mulher, é representado nos textos literários.

Ler, portanto, um texto literário tomando como instrumentos os conceitos operatórios fornecidos pela crítica feminista implica investigar o modo pelo qual tal texto está marcado pela diferença de gênero, num processo de desnudamento que visa despertar o senso crítico e promover mudanças de mentalidades, ou, por outro lado, divulgar posturas críticas por parte dos(as) escritores(as) em relação às convenções sociais que, historicamente, têm aprisionado a mulher e tolhido seus movimentos (ZOLIN, 2009, p. 218).

Tais convenções, como, por exemplo, a relação de poder que a autora menciona, se manifestam na literatura, como consequência de seu meio e, dessa forma, o papel da crítica literária feminista é desconstruir esse sistema que diferencia e categoriza os gêneros. Não se trata, no entanto, de uma transformação instantânea. Assim como, desde a ascensão das ideias feministas e da crítica feminista, ainda não aconteceu uma desconstrução total dos padrões de gênero e dos ideais machistas e patriarcalistas vigentes na sociedade brasileira.

Fazendo esse recorte, se percebe que os textos literários também não se isentaram totalmente da reprodução dessa realidade, até mesmo porque o próprio mundo real continua funcionando sob ideais machistas. Logo, e tendo em vista que o contexto desempenha função de nortear a direção pela qual a literatura caminha (cf. CANDIDO *apud* CEVASCO, 2009), as duas personagens que serão aqui analisadas: Benta, voz narrativa do conto “Para Antônio” e a também narradora, mas não nomeada, personagem do conto “O Que Os Machos Querem” (DUCASO/APARECIDA, 2009), mulheres que subvertem os papéis lhes dados pela sociedade, representam, no texto literário, duas maneiras diferentes do mesmo contexto social, uma vez que uma dialoga com a violência corrente dentro de casa e a outra com os abusos vigentes no cotidiano das ruas.

As personagens são construídas a partir da assinatura estética de Luciany Aparecida, Ruth Ducaso, com sobrenome que remete, em um jogo de palavras, ao gênero narrativo (Ducaso – do caso), e nome que faz referência à avó materna da autora, conforme entrevista ao NUPECAST⁵. Dessa forma, ambas as personagens são construídas em primeira pessoa: Benta, descrevendo os abusos que pratica contra seu filho, e a voz que fala em “O que os machos querem”, narrando sua vida de caça e violência urbana contra homens.

Benta é uma mulher adulta, com aproximadamente 67 anos, uma vez que é mãe de um homem de 41 anos. O conto é narrado por ela e, através do que relata, a maternidade não a fez feliz:

Sou Benta. Posso um filhinho de 41 anos. Aplico em minha cria meus métodos. Ele era todo errado. Errado porque nasceu. Errado porque não teve

⁵Episódio “Criação Literária: autoria em performance de vozes-mulheres” publicado em outubro de 2020, no Podcast NUPECAST, organizado pela Profa Dra Monaliza Rios Silva.

pai. Errado porque demorou de me trazer a felicidade. Errava todos os dias. Castigado todos os dias. [sic] (DUCASO/APARECIDA, 2019, p. 38).

Apesar de ter um nome que faz referência à bênção, ação divina, segundo os ideais cristãos (cf. DAMASCENO, 2020), a protagonista do conto contradiz qualquer que seja a ideia de ser abençoada. A narrativa revela, de início, o desprezo que ela sente por seu filho. Isso se revela quando ela o descreve como “filhozinho”, diminutivo que se contrasta com a idade dele: 41 anos, e revela, portanto, seu desprezo pelo mesmo. Essa idade pode comprovar o fato de Benta ter dado à luz ainda muito jovem, o que aponta, por sua vez, para uma interpretação de que a personagem não conseguiu aproximar o filho do pai, ou foi abandonada. Benta afirma que seu filho é errado porque nasceu, porque não teve pai e porque demorou a lhe fazer feliz. A partir de tais motivos, é perceptível que ela não é uma abusadora sem justificativas.

As interpretações de uma gravidez indesejada, de um parceiro ausente e da criação de falsas expectativas em torno de seu filho são também possíveis. Daí, alimenta-se o conjunto de justificativas para as agressões. Nesse caso, são os reflexos de uma sociedade patriarcalista e machista em uma mulher que, marcada por tal realidade, assume a posição de opressora para substituir as feridas das opressões que outrora sofreu. Ao entender, no entanto, que os homens não possuem, estatisticamente, tais marcas do patriarcado, não há para os mesmos justificativas válidas para os abusos que cometem, o que coloca Benta, ainda mais, na posição de personagem que denuncia esse sistema, numa atitude a qual Guacira Lopes Louro (2014) conceitua como possibilidade de revolta.

Dizer que possui um “filhozinho”, e que aplica a sua “cria” seus métodos, já coloca a personagem nesse lugar de subversão, uma vez que a sociedade, sendo patriarcal, impõe o papel da mulher-mãe como a que possui amor incondicional, o qual jamais permite perceber falhas ou imperfeições em seus filhos. Quando Benta inicia uma sequência de justificativas que demonstram o porquê de seu filho ser errado, ela comprova que não ocupa esse lugar de amor materno e que Antônio⁶ não a faz feliz como mãe.

Além disso, Antônio, o filho abusado de Benta, na perspectiva em que os meninos que são as vítimas dos abusos, entrariam, com os outros, numa porcentagem de 10% das vítimas de tais abusos, deixando os 90% para as meninas vitimadas (cf. SAFFIOTI, 2015). No conto, quando Benta esclarece, de antemão, o porquê dos abusos (“aplico em minha cria meus métodos”), ela referencia o abuso parental, que, segundo Saffioti (2015), entre os homens agressores, mais de 71% são os pais biológicos. Quando Benta revela que aplica em sua cria seus métodos, ela expõe essa parcela de homens que veem suas filhas como objetos/pertences de seus caprichos criminosos. Representa-os, no entanto, transgredindo todos os padrões dessa lógica, uma vez que opõe a lógica: pai algoz da filha.

A personagem vai revelando, ao longo da narrativa, que culpabiliza Antônio por toda sua infelicidade; que ele lhe “tomou o tempo” e o gozo, e que, por isso, ela age de forma que o faça enxergar isso: “Quando menor, abria seu olho até esbugalhar. Ele ficava muito engraçado. Queria que ele visse melhor a culpa da merda que era minha vida.” [sic] (DUCASO/APARECIDA, 2019, p. 38). Além de não demonstrar desconforto com as atitudes violentas que tinha com seu filho, Benta, pelo contrário, sentia prazer, afirmando adorar vê-lo com o “olhar manso” e com a “boca semi-aberta de galinha”, quando o medicava. Segundo

⁶ Uma vez que não é dito que o filho de Benta se chama Antônio, mas que o conto se chama “Para Antônio”, foi interpretado que esse nome pertence ao filho de Benta, e que o conto é dedicado a ele.

ela, as medicações passaram a ser ministradas por ela mesma, quando Antônio fez 3 anos. Para isso, ela também tinha uma justificativa, além da culpa: “ele gostava!”

Benta revela ainda que a violência e os abusos, apesar de terem iniciado já na infância de Antônio, foram arquitetados ainda antes. Na sequência narrada pela personagem “A minha vida foi espera / Minha vida é peso / Eu sou queda”, Benta transmite a impressão de que o fato de esperar pelo crescimento do filho para violentá-lo a incomoda, “pesa” e a faz “cair. Logo depois, por outro lado, quando narra a ação do estupro, expõe que fazê-lo a deixou leve:

O menino começou a me parecer um bicho quando vi aquele pinto se desenvolvendo. Certeira. Virei veterinária. Esperei o pênis ficar na idade do pai. Enchi a boca de esperança. Amarrei os braços para a boa ventura e zás. Deixei ele ver tudo. Ele merecia, ele gostava. Ele queria. Limpei os lençóis. Joguei o que pesava fora e parei de cair. (DUCASO/APARECIDA, 2019, p. 39).

O discurso usado pela personagem é um discurso de vingança, característico da poética da agressão (SILVA, 2010): esperar para que o “pênis ficasse na idade do pai” implica dizer que o ápice do abuso só poderia ocorrer quando o sujeito fosse de fato um homem – representante original do patriarcado. Além disso, outra interpretação latente é a de que Antônio tenha sido fruto de um estupro e, por isso, Benta “parou de cair” quando se vingou desse sistema, agindo como aquele que outrora lhe oprimia e “destruindo” aquele que representava, diariamente, a sua própria destruição.

Constantemente, Benta justifica seus abusos, afirmando que Antônio merecia e gostava de ser violentado. O uso da expressão “gozador” evidencia esse fato, uma vez que associa o gozo ao prazer. Tendo o violentado, ela precisou limpar os lençóis, confirmando a existência do gozo e do “prazer”. Ao dar esse discurso à personagem, Ducaso/Aparecida (2019) pretende revelar a cultura do estupro e da violência de gênero cristalizada na sociedade. Em Araújo (2020), entende-se que essa cultura de responsabilizar a vítima também se veicula entre as instituições do Brasil, como aconteceu com o processo legal de um homem que, durante um assalto, estuprou uma mulher, mas, inicialmente, foi condenado somente pelo assalto, pois alegou que a vítima havia consentido com a relação sexual (ARAÚJO, 2020). Nesse sentido, a realidade pré-estabelecida é de que a vítima está sempre em observação para que se “confirme”, a qualquer momento, que ela não é vítima, mas enganadora.

Neste conto de Ducaso/Aparecida, pelo menos duas são as interpretações possíveis, ao nosso ver. A primeira, de uma mulher que, pressionada por uma sociedade opressora, machista e patriarcal, deu à luz um filho que ela jamais quisera, possivelmente fruto de um estupro. Ducaso/Aparecida (2019) denuncia, através de Benta, muitas violências reais que acontecem na sociedade por causa do sistema que foi e é violento com essas mulheres. Rejeitada pela sociedade em todos os cenários possíveis (parto e aborto), a vítima torna-se a agressora, vingando-se do sistema passando a fazer parte do mesmo. Assim, ela jamais rompe ou boicota essa realidade violenta, mas constrói um ciclo (cf. SAFFIOTI, 2015).

A segunda perspectiva sobre a personagem do conto “Para Antônio” se relaciona diretamente com a inversão de papéis que Ducaso/Aparecida realiza em grande parte dos contos de *Contos Ordinários de Melancolia*, isto é, em um país que ocupa o 5º lugar na lista

mundial do feminicídio e que agride uma mulher a cada dois minutos⁷, Ducaso/Aparecida coloca como protagonista uma mulher que agride um homem. A própria autora explica, em entrevista já mencionada ao NUPECAST, que escreve sobre “coisas que não deveriam acontecer”. Benta não deveria, portanto, acontecer; o nascimento de um filho indesejado não deveria acontecer; as responsabilidades paternas e maternas depositadas somente à mãe não deveriam acontecer; assim como o abuso moral, físico, psicológico e sexual de crianças, homens e mulheres também não deveria acontecer. É, portanto, invertendo os papéis da violência de gênero que Ducaso/Aparecida deixa questões como essas evidentes, denunciando essas violências praticadas marcadamente contra as mulheres.

Por meio de Benta, a autora denuncia, através do abuso cometido por uma mulher em uma sociedade em que o número desses abusos é marcadamente masculino, o abuso parental, transgredindo a realidade dele, trazendo à luz não o tão comum caso do pai que abusa sexualmente de sua filha, mas o de uma mãe que planeja, espera e pratica esse abuso (frequente) contra o seu filho. Em uma de suas falas sobre o livro em que o conto foi publicado, ela afirma:

Como mulher, a experiência de crueldade maior que tenho contato na sociedade é o machismo em todos os seus desdobramentos. Então, decidi inverter essa violência. Pensei que se o lugar senso comum de prática da violência numa sociedade machista era do homem para a mulher, então eu escreveria um livro de violência da mulher para o que a sociedade machista lhe atribui como maior santidade: a maternidade. Então escrevi esse livro para ser violenta com a maternidade. (APARECIDA, 2020 apud DAMASCENO, 2020, p. 157).

Como colocado, o objetivo de Benta é justamente trazer essa violência, mas no sentido de denúncia, vez que ela ocorre tão frequentemente contra as mulheres que torna-se comum, ou pelo menos não tão “espantosa”. Por meio, então, do que Silva (2010) evoca como poética da agressão, Benta narra sua vingança contra a violência de um estupro, o impacto de uma mulher violentada e das obrigações maternas, que exigem amor até mesmo quando há dor.

Além de Benta, uma outra personagem de *Contos Ordinários de Melancolia* (DUCASO/APARECIDA, 2019) é a caçadora de homens, voz narrativa do conto “O que os machos querem”, mulher que escolhe terças e quintas-feiras para sangrá-los “na afiada faca de ponta fina” (op. cit, p. 40), apesar de mencionar que “qualquer dia é dia de caçar”. A escolha é feita “na moeda”, ou seja, ela sorteia um desses dois dias, e sai, semanalmente, à caça. Explica ainda que, na cidade em que vive, esses dias são os dias “dedicados” a isso. Demonstra, tal como Benta, o prazer que sente em desempenhar o seu papel: “Gosto de sangrar, sentir o cheiro fresco da carne vermelha. Deixar o animal paradinho. dominado. furar no rio exato do pescoço naquela curva que tem uma raiz de árvore juntadora de caso que ramifica.” (DUCASO/APARECIDA, 2019).

Essa personagem representa, por meio de uma linguagem agressivamente poética e metafórica, o padrão de abusadores que sentem prazer em “caçar”, mas, além disso, o deleite em ver o sofrimento no olhar do dominado. Mais adiante, ao descrever o retalhamento que faz no corpo de sua vítima, inverte a realidade de assassinatos contra mulheres, ao usar os termos

⁷ Reportagem “Feminicídio - Brasil é o 5º país em mortes violentas de mulheres no mundo” publicada pelo site UOL.

“corpo pesado” e “corpo duro”, ou seja, morto. Ao final da narrativa, revela que, depois de muito se satisfazer dele, deixa-o à parte, em busca de um novo corpo: “Saio desse. Quero outro. Descarto os ossos pra quem ainda queira carne usada.” (op. cit, p. 41), representando, assim, outra característica da cultura do estupro (cf. ARAÚJO, 2020), a de colocar a mulher em lugar de descarte.

É comum ouvir, na sociedade brasileira, as expressões “rodada”, “usada”, “perdida”, assim como outros adjetivos pejorativos que dão à mulher esse papel de objeto que, quando muito “usado”, não serve mais. Além disso, a comparação dela, quando desempenha uma vida sexualmente ativa, a animais, como galinha e piranha, revelam a inferiorização sexual da mesma, uma vez que os homens, tendo os mesmos comportamentos, são caracterizados como animais de características superlativas (garanhão, tigrão...).

A personagem do conto “O que os machos querem”, por sua vez, desempenha o papel de subversão, invertendo essa configuração ao caracterizar os homens que estupram como animais grandiosos, como o touro e o boi, por exemplo. Apesar disso, a objetificação do mesmo não é deixada de lado. Ela se retrata a ele, ao longo de toda a narrativa, como carne: “dia de caçar”, “sangrar homens na afiada faca de ponta fina”, “sentir o cheiro fresco da carne vermelha”, “corto o couro fora a fora” etc. Tal análise corrobora também para o que Silva (2010) aponta como poética da agressão, uma vez que a obra faz uso do signo linguístico “carne” para colocar o homem na posição de “sujeito comido”, invertendo a lógica patriarcalista que enxerga a mulher como “objeto comível”.

(...) percebemos uma inversão da expressão machista ainda cultivada pelo imaginário coletivo masculino – que tem, quase na mesma proporção, adeptos no gênero feminino – “comer mulher”. A expressão comer alguém, culturalmente enraizada no repertório do imaginário coletivo do brasileiro, carrega consigo o estigma depreciativo do verbo – comer – por estar associada, numa relação predatória antiquíssima que remonta às bases patriarcais e falocêntricas das sociedades ocidentais, a uma ação impetrada sobre e contra a mulher que é comida ou “coberta” pelo homem. (SILVA, 2010. p. 285).

Nesse sentido, a personagem analisada nesse momento estabelece, por meio da metáfora do ato predatório e canibalesco, a inversão dessa lógica. Não se pode, portanto, afirmar que a inversão não é o que, de fato, ocorre, uma vez que “na relação vagina-pênis, é a porção rachada, fendida, aberta que absorve literalmente o alimento: não apenas o pênis [...], mas também o próprio líquido espermático” (SILVA, 2010. p. 286). Contudo, não sendo dessa maneira que a expressão machista em questão funciona, na sociedade, a personagem analisada atribui ao termo caráter mais violento e agressivo, pois a lógica já estabelecida e usada pelo homem não se caracteriza estranha ao ouvinte/leitor, mas ao ser usada pela mulher, nota-se que a estranheza da lógica vigente no discurso confere novo significado a ele.

A expressão só adquire novo sentido ou se atualiza porque funciona através da transgressão, da violência da linguagem, num extremo ato de simplificação de uma estrutura ideal comum: “o feitiço virou contra o feiticeiro”, ou seja, a expressão de valor cultural negativa usada por homens para se referir a mulheres é, agora, usada numa proporção inversa. Embora saibamos que, mesmo diante de uma violência linguística ou transgressão de um valor/tabu, o aspecto semântico da expressão é empregado, e

interpretado, em menor proporção quando usada pelo homem, considerando-se, nesse caso, a realidade aparente, não a realidade da ficção. (SILVA, 2010. p. 286-287)

Portanto, além de objetificar o homem que faz vítima, ela coloca-o num espaço de dominado, mesmo que sem retirar dele as características de “animais grandes”, o que torna real a transgressão da transgressão. O prazer que sente em vê-lo imóvel e sob seu domínio, revela isso, e, quando aponta: “Só sirvo aos touros. Aos bois mansos não sirvo tigela de flor” (DUCASO/APARECIDA, 2019, p. 41), demonstra, mais uma vez, que a cultura de dominação do estupro viabiliza a perspectiva de que o não-consentimento é mais prazeroso (ARAÚJO, 2020).

Essa narrativa provoca, de maneira contrastada, no leitor, a indignação da perspectiva do alvo de caça, estatisticamente dada à mulher. Em uma escrita poeticamente agressiva, que caracteriza a poética da agressão (SILVA, 2010), a voz narrativa escandaliza o leitor uma vez que atribui as violências comumente masculinas a uma mulher. Nas ruas, 86% das mulheres já passaram por situações de assédio, incluindo o sexual (CRISTALDO, 2016), e cerca de 500 mil são estupradas, no Brasil, por ano, sendo que somente 10% dos crimes são denunciados⁸.

Caçar, fazer sangrar, dominar, sentir o cheiro fresco da carne vermelha... são os deleites da personagem. Ela se diverte e se delicia com o correr do sangue da sua vítima e, como Benta, também tem uma justificativa para tais perversões: “Os machos querem meus cuidados todo o tempo. Dou-lhes ramalhetes duas vezes por semana. É isso que eles querem quando desfilam em minha frente” (DUCASO/APARECIDA, 2019, p. 41). Essa fala caracteriza eficazmente o perfil de um estuprador. No caso de abuso parental, quando a família possui recursos financeiros, o pai, por exemplo, ganha a confiança da menina lhe presenteando (SAFFIOTI, 2015), o que não é incomum também em casos de relacionamentos abusivos. Além disso, culpar suas vítimas pelas agressões sofridas, porque passam diante dela, é uma representatividade da maioria dos estupradores que culpam as mulheres que “não se dão ao respeito” (TARINI, 2017).

O que Ducaso/Aparecida aponta em “O que os machos querem” é, portanto, o comportamento gentil que pode ter um estuprador, por exemplo, podendo ser suficientemente educado para concluir suas más intenções, e depois justificar seu abuso pela vestimenta ou “facilidade na conquista” da mulher. Essa delicadeza se expressa também, na personagem do conto, à medida que “a frieza do tom, disfarçada pela linguagem poética empreendida, contrasta com a ideia de fragilidade, sensibilidade, historicamente, atribuídas ao sexo feminino” (DAMASCENO, 2020), revelando mais uma forma de vingança ao opressor, nesse caso, caracterizado como “touro” (sensibilidade *versus* brutalidade).

Tanto a personagem de “O que os machos querem”, quanto Benta, de “Para Antônio”, ocupam o lugar de contribuir para o que Zolin (2009) caracteriza como “desnudamento que visa despertar o senso crítico e promover mudanças de mentalidades” (p. 218) da sociedade, uma vez que denunciam a violência que o machismo propaga. Benta faz essa denúncia através da representação do abuso sexual que permeia o seio familiar. É um abuso que cresce junto à sua vítima, iniciado ainda na infância e desenvolvido à medida que o sujeito vai amadurecendo biologicamente. Subverte-se, portanto, o padrão homem/pai que abusa de mulher/filha e expõe abusos de mulher/mãe contra homem/filho. Como foi dito, uma das

⁸ Reportagem “Brasil tem cerca de 822 mil casos de estupro a cada ano, dois por minuto” publicada em 2 de março de 2023 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

tentativas de justificativas desse tipo de abuso é o fato do laço parental, que institui uma forte relação de domínio entre agressor e agredido. A segunda personagem analisada, assim como Benta, representa essa parcela de agressores que agradam as vítimas antes de abusar delas, dando-lhe ramalhetes de flores. A violência que essa personagem espelha, no entanto, através de metáforas, é aquela que ocorre nas ruas, e vai do abuso ao assassinato, diferentemente de Benta, que cuida para que sua vítima permaneça consigo, “limpinho e seco” (DUCASO, APAREXCIDA, 2019, p. 39). Ambas as personagens realizam, dessa forma, o que Silva (2010) aponta como poética da agressão, que, como visto, consiste em um uso violento da linguagem para causar o efeito de sentido de transgressão, ou vingança.

Indubitavelmente, as duas narrativas transgridem, no máximo de aspectos possíveis, o sistema vigente, realizando a crítica que este estudo interpreta como denúncia poética. Até em suas diferenças, as personagens comprovam a tese aqui defendida:

A narradora-personagem do primeiro conto vê no falo um deleite: “[...] O menino começou a me parecer um bicho quando vi aquele pinto se desenvolvendo. Certeira. Virei veterinária [...]” (APARECIDA, 2017a, p. 32); já a narradora-personagem do segundo conto não atribui finalidade sexual prazerosa ao pênis, mas, torna-o descartável, insignificante: “[...] Brinco com as peças sem função até enjoar. Poco bexiga, empino pau mole, amasso geleia de fígado” (APARECIDA, 2017a, p. 35; grifos meus). (DAMASCENO, 2020, p. 160)

A autora do excerto aponta para a relação da perspectiva da bruxa, da Idade Média, com o órgão masculino, o qual assumia papel de objeto torturado por essas mulheres. Nas narrativas analisadas, o tom de vingança e agressão pode colocar ambas as personagens na posição de bruxas, se encaradas pelo viés apontado. Benta, no entanto, numa posição que valoriza o objeto torturado, subverte essa realidade, já a personagem de “O que os machos querem”, pode espelhá-la.

Por fim, uma segunda possibilidade de interpretação das narrativas analisadas é um olhar que tem a ver com o conceito de “violência simbólica”, de Bourdieu (1998). Isto é, ao encontrarem em seu caminho de denúncia, leitores desatentos à importância desse contexto, as personagens podem ser deslocadas da realidade a um lugar inconsistente, no qual predomina o preconceito e a limitação das personagens às características violentas do machismo. A violência simbólica atua no sentido de, mascarando tão astutamente as práticas abusivas do patriarcado, faz com que nem mesmo suas vítimas sejam capazes de percebê-las, menos ainda notar uma denúncia poética das mesmas.

Judith Butler (2003) comprova isso quando coloca que a categoria mulher é construída dentro das relações de poder, por isso ela está “contaminada” pelas próprias estruturas das quais pretende se emancipar. Uma vez que, diferentemente do que defendem os essencialistas, quando dizem que gênero é biológico, o caráter social e político dessa categoria (LOURO, 2014) confirma o que Butler defende, assim como torna possível a falta de percepção da denúncia feita pelas narrativas analisadas.

O que Ducaso/Aparecida (2019) faz, no entanto, vai muito além de compactuar com a violência do machismo, ou mesmo, incentivá-la de alguma forma. Pelo contrário, ironiza esse sistema que, de tão vigente, acaba por, muitas vezes, ser comum e não causar mais indignação. Subvertendo-o, portanto, fazendo das vítimas os algozes, a autora esclarece o quanto os efeitos e feridas desses atos violentos ainda “ardem”. Faz, portanto, o que Guacira

Lopes Louro (2014) caracteriza como revolta do poder, em que, havendo as relações de poder que Foucault (1999) descreveu, há também a possibilidade de subversão dele, e realiza, ainda, o que Antonio de Pádua Dias da Silva (2010) caracteriza como “poética da agressão”, quando torna possível a existência de personagens que “traem opressões”⁹ e vingam-se do sistema falocêntrico, por meio de uma transgressão violenta da linguagem (SILVA, 2010).

Dessa maneira, ao reconfigurar as funções idealizadas aos gêneros, as personagens dessa realidade distinta reapropriam e desviam os “instrumentos simbólicos que instituem a dominação masculina delas mesmas para o seu próprio dominador” (QUEIROZ, 2004, p. 24 *apud* BRITTO; PRADO, 2018, p. 203). Nessa cosmovisão que transgride, o sujeito oprimido torna-se o opressor, ou existente em um mundo que antes não o cabia; atua com autonomia e materializa seus desejos antes nunca considerados, a fim de “ocupar os vazios da história, forçar passagem, exercer algum poder” (PERROT, 2005; CERTEAU, 2009 *apud* BRITTO; PRADO, 2018, p. 204).

É o que ocorre com as personagens dos contos analisados: Benta, no lugar de mulher-mãe, que dispõe do poder de abusar de um homem, seu filho, adquire a voz do opressor e do abusador e inverte os papéis de gênero impostos pela sociedade, assim como se vinga desse sistema de violência e agressão, assumindo ela própria o papel de algoz. Pode-se dizer, no entanto, que essa atuação abre um leque de discussões maiores do que os que podem ser explorados a partir do que se analisa sobre a segunda personagem, a comedora de homens, uma vez que Benta não inverte somente os papéis de gênero ao ser uma mulher que abusa de um homem, mas é também uma mãe que abusa de seu filho e expande, com isso, diálogos possíveis sobre o papel da mãe, na sociedade.

Ambas personagens, no entanto, podem ser lidas como produtos de resistência e de denúncia às opressões contra a mulher, uma vez que se movimentam em sentido de não-silenciamento desse sistema violento. E, mesmo que possa parecer pouco impactante duas representações frente a uma configuração social quase que ainda totalmente “fincada”, permanece o eco dessas vozes transgressoras que desejam e atuam em sentido a essa luta.

Considerações Finais

Tendo em vista, portanto, o que foi apresentado a respeito do contexto de subordinação da mulher, na sociedade, desde a criação da propriedade privada até os ideais religiosos e essencialistas, evidencia-se a importância do *corpus* desta pesquisa, uma vez que, se tratando de narrativas contemporâneas, dizem muito sobre a atualidade, ainda que subvertendo-a para obter o efeito de sentido esperado. As personagens analisadas dialogam com uma realidade a qual as diversas formas de violências propagadas pelo machismo se manifestam da forma mais tênue à mais cruel e que se encontram presentes no cotidiano feminino desde a infância, como parte da cultura dessa sociedade. Ter construído o sujeito mulher como objeto de propriedade masculina, ao longo da história, deu à sociedade espaço para fazer desse não-sujeito submisso e inferior.

Contribuindo para isso, os discursos que motivam a perpetuação do machismo, apoiados nos ideais religiosos e essencialistas, ainda que incoerentes, contribuem para a inferiorização da mulher na sociedade. O feminicídio atua, nesse universo, como uma

⁹

Conceito utilizado pela autora em participação no NUPECAST, *podcast* já referido.

membrana que envolve ainda muito mais conteúdo destruidor. Por meio de uma violência simbólica e cristalizada em todas as camadas sociais, a mulher sofre os impactos do machismo de tal forma que ela mesma pratica a “automutilação”, contribuindo para a manutenção desse ciclo agressivo. As formas de vigilância e de punição daquelas que distanciam os ideais impostos vão de cobranças sociais à segregação. Quanto menos “feminina”, uma mulher for, mais solitária ela tende a ficar, por exemplo. Nessa realidade, todo lugar que a mulher ocupar será ainda pertencente às formas de violência, uma vez que a mulher submissa já é vítima da violência simbólica por si só, a que nega o sistema encara a não aceitação social e aquela que transgredir e subverte, raramente é compreendida.

As personagens analisadas são exemplos dessa transgressão, que é construída literariamente em formato de denúncia poética, atuando na contramão do que se espera de uma mulher e causando, assim, desconforto e estranheza em um sistema já adaptado às formas de violências vigentes. Surgem na contramão desse sistema, provocando as reflexões indispensáveis para que se entenda a denúncia que realizam.

A primeira espelha a violência privada que acontece no conforto do lar patriarcalista, assim como denuncia o abuso parental que se expressa na maioria das vezes através do pai contra a filha, colocando em xeque a sacralidade materna tão valorizada pela sociedade. A segunda expõe as consequências urbanas de uma sociedade que incentiva a virilidade e a força masculina e revela, ainda, a objetificação que a mulher sofre nas ruas, levando-a a vivenciar experiências que as levam, muitas vezes, à morte. Ambas desempenham, assim, seus papéis de provocadoras do inusitado, através do estranhamento realizado pela subversão dos papéis de gêneros e de uma poética da agressão que a fazem retomar o poder. São personagens que, às suas maneiras, contribuem às lutas dos direitos humanos e do feminismo, em recorte, assim como, enriquecem os estudos de gênero e as áreas da crítica e da teoria feminista. Representando, portanto, uma realidade ainda muito atual, as personagens habitam o campo do empoderamento e da liberdade de ação, e colocam-se, através de uma revolta agressiva e vingativa, em posição de agentes dos abusos e da violência que o sistema patriarcalista e o machismo viabilizam.

A literatura, se for coerente resumir sua potencialidade a uma única função, atuando na representação da realidade, comporta essas duas personagens desafiadoras, capazes de desconstruir mentalidades e, principalmente, denunciar a realidade a qual o leitor se insere. Esse, por sua vez, ao captar tal denúncia, visualiza um horizonte muito mais complexo do que antes visto. Isto é, somente em Benta já se configura muitas realidades: a de uma mulher possivelmente estuprada, que não deseja ser a mãe do fruto de seu sofrimento, uma mulher que abusa sexualmente de um homem e de uma mãe que abusa sexualmente de seu filho. Nos fatos, ainda, as interpretações e todas as representações que Benta pode realizar, trazendo à tona os pais que abusam de suas filhas por meio de uma prosa poética que agride padrões ao dessacralizar a maternidade. Não distante, se posiciona a segunda personagem analisada, que também sob uma linguagem poética é capaz de sensibilizar atitudes selvagens, transgredindo os ideais femininos através do poético.

Nesse sentido, as personagens causam o efeito de sentido de criticar o patriarcalismo e suas práticas de violência, construindo um paralelo com essa realidade. Na realidade dos contos, a mulher assume o papel de opressora e violenta, e o homem sofre as violências desse sistema; a mãe abusa do filho e os homens são “comidos” e/ou estuprados. Tudo isso, feito nessa forma de crítica e denúncia, funciona efetivamente, uma vez que a sociedade patriarcalista, de tão inserida nessa cultura, acaba se “acostumando” à essa realidade de

violência machista. Quando invertidos, portanto, por meio da ficção, os valores, as mentes parecem percebê-la em sua crueldade real.

Assim, a proposta dessas narrativas é problematizar esse sistema de violência e comodismo com as práticas do machismo. Denunciam, através das personagens analisadas, essa realidade que ainda objetifica, inferioriza e, como consequência, vitimiza e mata mulheres. A intenção é, portanto, colocar o homem, sujeito validado socialmente e atuante da violência, no lugar de vítima, de caça e de subordinado, para gerar o efeito de sentido reverso na performance de gênero. A denúncia é feita, portanto, de forma poeticamente agressiva, violentando o discurso para adquirir o que se pretende: a retomada do poder, nesse caso, de agredir.

Realizando, então, através dessa subversão, a crítica ao atual modelo de organização social e à acomodação das pessoas frente à violência do mesmo, é que tais personagens se evidenciam como materialização de uma denúncia poética contra essa violência que ocorre diariamente e de “infinitas”, mas validadas, e até institucionalizadas, formas. As personagens demonstram que a violência do machismo está tão costurada às vidas femininas que, mesmo quando essas transgridem e atuam como opressoras, refletem ainda traços desse sistema, como é o caso de Benta, que abusa de seu filho por ter sido violentada anteriormente.

Dessa forma, as narrativas analisadas devem ser encaradas como mecanismos de exposição, crítica e denúncia de um sistema que não deveria acontecer. Elas revelam a violência diária que atinge as mulheres nas ruas e dentro de suas próprias casas; traz à superfície o fato de que o destino de se viver com medo já se inscreve no sujeito mulher: e que é tão marcadamente social e enraizado nessa cultura que as próprias vítimas são algozes de si mesmas. Saber, portanto, que o machismo existe e que faz vítimas por todo o mundo não significa se isentar de sofrer suas práticas violentas, pois o mesmo é, como aborda Damasceno (2020), um rio interminável, que pode, no entanto, em seu percurso fluído, ser bloqueado por variadas denúncias - sejam elas reais ou literária, mas sempre preenchidas pelo desejo de liberdade.

Referências

ARAÚJO, Ana Paula. **Abuso: A Cultura do Estupro no Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2020. 320 p.

BEAUVOIR, Simone. de. **O Segundo Sexo: fatos e mitos**. Trad. Sérgio Millet. 10. ed. São Paulo: Nova Fronteira, 1980. 312 p.

BENTO. *In.*: Dicio, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/bento/>. Acesso em: 8 mar. 2023.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação Masculina**. Trad. Maria Helena Kuhner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 160 p.

BRASIL tem cerca de 822 mil casos de estupro a cada ano, dois por minuto. **Ipea**, Rio de Janeiro, 02 mar. 2023, Desenvolvimento Social. Disponível em:

<https://www.ipea.gov.br/portal/categorias/45-todas-as-noticias/noticias/13541-brasil-tem-cerca-a-de-822-mil-casos-de-estupro-a-cada-ano-dois-por-minuto>. Acesso em: 17 ago. 2023.

BRITTO, Clovis Carvalho; PRADO, Paulo Brito do. Inversão de papéis: jogos de gênero e imaginação literária em Rachel de Queiroz. **ALEA**, Rio de Janeiro, vol. 20, n. 3, p. 201-221, set./dez. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1517-106X/203201221>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alea/a/Q8NhPsrnyTdT6g7qwGxsW4r/>. Acesso em: 29 mai. 2023.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. 22 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 288 p.

CEVASCO, Maria Elisa. Literatura e Estudos Culturais. In: BONNICI, Thommas; ZOLIN, Lúcia. Osana. (org.). **Teoria Literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 319-236.

CRISTALDO, Heloisa. Pesquisa mostra que 86% das mulheres brasileiras sofreram assédio em público. **Agência Brasil**, Brasília, 20 mai. 2016. Direitos Humanos. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2016-05/pesquisa-mostra-que-86-da-s-mulheres-brasileiras-sofreram-assedio-em>. Acesso em: 27 mai. 2023.

CUNHA, Carolina. Feminicídio - Brasil é o 5º país em morte violentas de mulheres no mundo. **UOL**, São Paulo, [S.I.]. Atualidades. Disponível em: <https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/feminicidio-brasil-e-o-5-pais-em-morte-violentas-de-mulheres-no-mundo.htm>. Acesso em: 12 jul. 2023.

CUNHA, Carolina. Feminicídio - Brasil é o 5º país em morte violentas de mulheres no mundo. **UOL**, São Paulo, [S.I.]. Atualidades. Disponível em: <https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/feminicidio-brasil-e-o-5-pais-em-morte-violentas-de-mulheres-no-mundo.htm>. Acesso em: 12 jul. 2023.

DAMASCENO, Maria Clara Aquino; BARROS, Flávia Aninger de. Contos Ordinários de Melancolia, de Ruth Ducaso, e a sua afluência com a literatura, cultura e identidade. **Légua e meia**, Feira de Santana, v. 11, nº 1, 2020. DOI: <https://doi.org/10.13102/lm.v11i1.6221>. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/leguaEmeia/article/view/6221>. Acesso em: 10 ago. 2023.

DUCASO, Ruth; APARECIDA, Luciany. O que os machos querem. In: DUCASO, Ruth; APARECIDA, Luciany. **Contos Ordinários de Melancolia**. 2. ed. Salvador: Boto-cor-de-rosa, 2019. p. 40-41.

DUCASO, Ruth; APARECIDA, Luciany. Para Antônio. In: DUCASO, Ruth; APARECIDA, Luciany. **Contos Ordinários de Melancolia**. 2. ed. Salvador: Boto-cor-de-rosa, 2019. p. 38-39.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Trad. Nélcio Schneider. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019. 196 p. ISBN: 8575596829.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. 288 p.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Trad. Luiza Sellera. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 2019. 400 p.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014. 184 p.

MÊS da mulher: STF derruba uso de tese de legítima defesa da honra para crimes de feminicídio. STF, Brasília, 08 mar. 2023. Disponível em: [https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=503655&ori=1#:~:text=E m%20mar%C3%A7o%20de%202021%2C%20o,e%20da%20igualdade%20de%20g%C3%](https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=503655&ori=1#:~:text=E%20mar%C3%A7o%20de%202021%2C%20o,e%20da%20igualdade%20de%20g%C3%). Acesso em: 27 mai. 2023.

MEU INCONSCIENTE COLETIVO: Onde está a vulva?. Entrevistada: Alessandra Affortunati Martins. Entrevistadora: Tati Bernardi. São Paulo: Folha de São Paulo, 31 mar. 2023. *Podcast*. Disponível em: [https://open.spotify.com/episode/6tM9uabGMKt3CAxE9BJPsC?si=ieDcz0VoSxSOgyZSUM 8ntQ](https://open.spotify.com/episode/6tM9uabGMKt3CAxE9BJPsC?si=ieDcz0VoSxSOgyZSUM8ntQ). Acesso em: 23 jul. 2023.

NICOCELI, Artur. Brasil registra 1.463 feminicídios em 2023, alta de 1,6% em relação a 2022. G1, [S.I.], 07 mar. 2024. Política. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/03/07/brasil-feminicidios-em-2023.ghml>. Acesso em: 01 out. 2024.

NUPECAST. Criação Literária: autoria em performance de vozes-mulheres. Entrevistada: Luciany Aparecida. Entrevistadora: Joanne Nascimento. [S.I.]: NUPELEM/UFAP, 12 out. 2020. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4R2OU4cKs6y7r65CFEe4bg?si=36ER5d2WQuygQLSdMA RRXA>. Acesso em 28 jul. 2023.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, Patriarcado e Violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015. 160 p.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. **Mulheres representadas na literatura de autoria feminina: vozes de permanência e poética da agressão**. 1. ed. Campina Grande: EDUEPB, 2010, 317 p.

TARINI, Ana Maria de Fátima Leme. **Os efeitos de sentido da prática discursiva jurídica sobre a violência sexual contra as mulheres**. 2017. Dissertação (Doutorado em Linguagem e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2017. Disponível em: https://tede.unioeste.br/bitstream/tede/3470/5/AnaMaria_Tarini2017.pdf. Acesso em: 28 jul. 2023.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. e-Disciplinas. **Comissão de Direitos Humanos: O que é Machismo?**. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/page/view.php?id=4290875>. Acesso em: 12 jul. 2023.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica Feminista. *In*: BONNICI, Thommas; ZOLIN, Lúcia. Osana. (org.). **Teoria Literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 217-242.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina. *In*: BONNICI, Thommas; ZOLIN, Lúcia. Osana. (org.). **Teoria Literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 328-336.